

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Wagner Bustamante Soares

“A VITÓRIA DO *ANIMAL LABORANS* DE HANNAH ARENDT NA PÓS-MODERNIDADE.”

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso).
Orientador: Prof. Dr. Gustavo Arja Castañon.

Juiz de Fora
2016

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, **Wagner Bustamante Soares**, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 201272096A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **A VITÓRIA DO ANIMAL LABORANS DE HANNAH ARENDT NA PÓS-MODERNIDADE**, desenvolvido durante o período de **22/08/2016** a **23/12/2016** sob a orientação de Prof. Dr. GUSTAVO ARJA CASTAÑON, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, ____ de _____ de _____.

WAGNER BUSTAMANTE SOARES

Marcar abaixo, caso se aplique:

Solicito aguardar o período de () 1 ano, ou () 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

OBSERVAÇÃO: esta declaração deve ser preenchida, impressa e **assinada** pelo aluno autor do TCC e inserido após a capa da versão final impressa do TCC a ser entregue na Coordenação do Bacharelado Interdisciplinar de Ciências Humanas.

A VITÓRIA DO ANIMAL LABORANS DE HANNAH ARENDT NA PÓS-MODERNIDADE.

Wagner Bustamante Soares¹

RESUMO

O presente artigo apresenta a concepção da filósofa Hannah Arendt (1906-1975) a respeito do conceito de *vita activa* do ser humano que se desdobra em três atividades, trabalho, obra e ação. É defendido que o trabalho, atividade tradicionalmente relacionada com a manutenção da própria vida e com um ciclo biológico de produção e consumo, ascendeu a uma posição de grande importância na modernidade impondo uma mentalidade consumista como ideal de vida. Com o objetivo de demonstrar a atualidade desta reflexão de Arendt na pós-modernidade, este artigo aprofunda este tema dialogando com pensadores contemporâneos que abordam o problema da sociedade de consumo. O *animal laborans*, metáfora usada por Arendt para designar a mentalidade que permeia o consumismo moderno, converge com as reflexões de pensadores como Jean Baudrillard, Gilles Lipovetsky e Zygmunt Bauman, nos permitindo defender que esta mentalidade é predominante na pós-modernidade e cria um estilo de vida que converte tudo em objeto de consumo, o que coloca em risco a durabilidade do mundo e a própria existência do que entendemos por ser humano.

PALAVRAS-CHAVE: Hannah Arendt, Capitalismo contemporâneo, Pós-modernidade, Sociedade de consumo.

1. INTRODUÇÃO

“Não se pode consumir muito se se sentar tranquilamente e ficar lendo livros.” (Huxley)

Aldous Huxley em seu profético romance distópico, “*Admirável Mundo Novo*” de 1932 imagina uma civilização futurista dominada pela tecnologia que não mais conhece a dor, o sofrimento e a necessidade, mas que também eliminou a singularidade humana, a cultura e o pensar. O “admirável mundo novo” de Huxley tem sua razão de ser apenas em função do trabalho e do consumo. Os homens que compõem esta sociedade já não são mais seres humanos, apenas autômatos fabricados em laboratórios segundo as necessidades da sociedade. Os temas que surgem de “*Admirável Mundo Novo*” são hoje atuais e observáveis na sociedade pós-moderna. Porém, não apenas Aldous Huxley teve a sensibilidade de perceber em sua época, início do século XX, tendências sócio históricas que poderiam conduzir a sociedade para um tipo de organização totalitária dominada pela tecnologia, a serviço da produção e do consumo. Hannah Arendt, filósofa alemã de origem judaica, também anteviu um “mundo novo” dominado pelo que ela chama de “*animal laborans*”.

O presente artigo tem por objetivo justificar, a partir de uma descrição de posições de pensadores contemporâneos, como Zygmunt Bauman, Mike Featherstone e Gilles Lipovetsky, a atualidade do diagnóstico de Hannah Arendt presente na sua principal obra, “*A Condição Humana*”, de 1958, a respeito do mundo moderno em que segundo a mesma, predomina a mentalidade do “*animal laborans*”. Essa mentalidade concretiza-se no comportamento de homens e mulheres massificados e atomizados, cuja única preocupação é com o trabalho para a manutenção da sua própria existência. Tal comportamento transforma tudo em objeto de consumo, colocando assim a existência do mundo e do ser humano em risco, visto que a ação e o pensar deixam de ter relevância.

Esta mentalidade e modo de ser, que tem por metáfora o *animal laborans* descrito por Arendt, é atual e observável nas sociedades ocidentais pós-modernas? O *animal laborans* é hegemônico e vitorioso na sociedade de consumo? São estas as principais questões que buscarei responder ao longo do presente artigo, baseando-me nas obras de Bauman, Featherstone e Lipovetsky.

Num primeiro momento, farei uma breve apresentação de Hannah Arendt e das reflexões emergentes de sua obra. Posteriormente explicitarei alguns conceitos presentes em “*A Condição Humana*”, tais como *vita activa*, trabalho, obra e ação. Tendo esclarecido o que vem a ser a mentalidade do “*animal laborans*”, que está relacionada com o conceito de trabalho, apresentarei as características do mesmo relacionando-o com a

¹ Especialista em Educação e Diversidade pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail: wbusoares@hotmail.com. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador: Prof. Dr. Gustavo Arja Castañon.

sociedade de massas e com o consumismo. Para isto tomarei por base as obras de Arendt, “Origens do Totalitarismo”, “A Condição Humana” e “Entre o passado e futuro”. Por fim, buscarei justificar a atualidade do “*animal laborans*” como condição majoritária no mundo pós-moderno, relacionando-o com a sociedade de consumo, tomando como referência as obras, “*A sociedade de consumo*”, de Jean Baudrillard, “*Pós-Modernidade e sociedade de consumo*”, de Fredric Jameson, “*Vida para consumo*”, de Zygmunt Bauman, “*O Império do efêmero*”, de Gilles Lipovetsky e “*Cultura de consumo e pós-modernidade*”, de Mike Featherstone.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 Hannah Arendt – Reflexões emergentes de sua obra.

Hannah Arendt, filósofa alemã de origem judaica, natural de Hannover, 1906, interessou-se pela filosofia desde adolescente.

Sua paixão pela filosofia era tão intensa e sua necessidade de compreender era tão grande, que ela chegou a afirmar que ou estudaria filosofia ou se sufocaria, por assim dizer. Entre seus interesses iniciais encontravam-se a filosofia de Immanuel Kant e a Teoria Existencial de Karl Jaspers e de Soren Kierkegaard. Ela frequentou a universidade em Marburg, Alemanha, de 1924 a 1926, onde foi iniciada na filosofia de Martin Heidegger durante o período em que ele escrevia seu famoso livro *Ser e tempo* (FRY, 2010, p. 12).

Também desde jovem interessou-se por teologia, visto que sua tese doutoral trata do conceito de amor em Santo Agostinho. Foi também a partir dos estudos deste filósofo cristão que Hannah Arendt buscou inspiração ao tratar do tema da natalidade, como uma importante condição humana que traz consigo o potencial de desencadear novos começos no mundo a partir da ação (CARNEIRO, 2007, p.34).

Sobrevivente do nazismo, Hannah Arendt tenta compreender o fenômeno do totalitarismo. Ela se pergunta pelos mecanismos que tornaram possível a emergência do regime totalitário, identificando-o como “*um novo tipo de formação política que não tem precedentes e que difere dos outros tipos de tiranias políticas.*” (FRY, 2010, p.31) A experiência dos campos de concentração na Alemanha nazista causaram nela um profundo impacto. Dentre os vários problemas relacionados com a dignidade humana, o que mais lhe assustou foi perceber que o regime nazista promoveu o descarte dos seres humanos, tornando-os supérfluos.

Arendt crê que o aspecto mais perigoso do totalitarismo é que ele trata os indivíduos como se fossem supérfluos. Os indivíduos já não são singulares e contribuintes importantes para a cultura e para a política, mas criaturas que podem ser facilmente sacrificadas para a ideologia ou condicionadas a agir de maneira previsível e obediente, a fim de serem consistentes com a ideologia.(FRY, 2010, p. 36).

Como resposta a esta horrível novidade do totalitarismo, que se insere no contexto da sociedade de massa, ao longo de seu mais importante livro, “*A Condição Humana*” (1958), Hannah Arendt ressalta a sua concepção de seres humanos como seres singulares, sujeitos capazes de darem início a novos começos no mundo pelo discurso e pela ação. Nesta obra

se afirma a ontologia bastante particular de Arendt sobre o fenômeno humano, a qual se assenta na sua visão sobre a pluralidade e a singularidade dos homens, ou seja, sobre o fato de que, apesar de sermos todos humanos, “ninguém seja exatamente igual a qualquer pessoa que tenha existido, exista ou venha a existir”(OLIVEIRA, 2012, p. 55).

O dado da singularidade humana, de acordo com Arendt, dá-se sobretudo na relação com o outro, visto que no espaço público, através do discurso e da ação, os homens se diferenciam uns dos outros (SEIXAS, 2009, p.8).

O pensamento de Arendt, oposto à ideologia da sociedade de massas, que iguala as pessoas, e da experiência do Holocausto, que promoveu o descarte de seres humanos, reflete um enorme apreço pelos mesmos. Ela vê em cada pessoa que nasce o potencial de dar início a algo novo. Nas palavras de Hannah, “*o novo começo inerente ao nascimento pode fazer-se sentir no mundo somente porque o recém-chegado possui a capacidade de iniciar algo novo, isto é, de agir.*” (ARENDR, 2010, p.10). Seu pensamento reflete uma visão

positiva do ser humano que aposta na sua capacidade de transcendência, sendo capaz de olhar para si e se perguntar pelo que está fazendo, buscando então mudar os rumos se assim for necessário. De acordo com FRY, “para Arendt, cada pessoa é um milagre, cada indivíduo tem a possibilidade de aperfeiçoar-se no mundo.” (FRY, 2010, p.197)

Hannah Arendt, ao analisar a modernidade, também aponta para o risco de alienação deste ser humano singular na sociedade de massas, visto que esta desvaloriza a atividade do pensamento e da ação, tornando as “pessoas apáticas” (PASSOS, 2010, p.2). Na crítica que Arendt tece sobre a modernidade, ela destaca que houve uma inversão nas dimensões da *vita activa* do ser humano que se desdobra em três dimensões fundamentais; trabalho, obra e ação. De acordo com a mesma, a atividade do trabalho está ligada às necessidades vitais do ser humano. Nesta atividade o seu produto é destinado ao consumo imediato, visto que sua vida biológica depende dele. Na obra, o homem cria o mundo artificial, tornando-o seu lar. Já a ação, a mais importante atividade humana, diz respeito à dimensão política. É a única atividade que se dá entre os homens. É nela que o homem manifesta a sua singularidade (ARENDR, 2010, p.8). Aprofundaremos estas três dimensões no próximo item, visto serem importantes para o desenvolvimento do presente artigo.

A modernidade, com sua tendência de uniformizar, desvalorizou a dimensão humana do discurso e da ação. Ela promoveu uma glorificação do trabalho levando-o a preencher o lugar que antes era ocupado pelo discurso e pela ação no espaço público (ARENDR, 2010, p.105). Com a emergência do trabalho ao espaço público, atividade que antes era do domínio privado, a satisfação das necessidades imediatas, ligadas ao manter-se vivo, passam a ocupar o centro das atenções dos homens. Na sociedade de massas, o consumo é incentivado, visto que o produto do trabalho humano gera bens para serem imediatamente consumidos. Inserida neste contexto, a pessoa humana, sujeito singular, declina-se, pois, ao abdicar da sua mais importante atividade, o pensar, limita-se a preocupar-se apenas com suas necessidades imediatas. Envolvida pela ideologia do consumismo, ela cria um estilo de vida fútil, superficial, em que a satisfação das suas necessidades imediatas converte-se no seu fim último cuja indiferença pelos assuntos humanos é um dos seus resultados. Nas palavras da Hannah Arendt, (2010, p.403) “é perfeitamente concebível que a era moderna (...) venha a terminar na passividade mais mortal e estéril que a história jamais conheceu”.

Arendt, frente a este panorama, ressalta a importância do pensamento como um importante meio para ajudar os homens a discernirem o certo do errado, e a se perguntarem sempre pelo que estão fazendo, transcendendo assim na sua ação como seres humanos.

Foi essa ausência de pensamento – uma experiência tão comum em nossa vida cotidiana, em que dificilmente temos tempo e muito menos desejo de parar e pensar – que despertou meu interesse. (...) Será possível que o problema do bem e do mal, o problema de nossa faculdade para distinguir o que é certo do que é errado, esteja conectado com nossa faculdade de pensar? (ARENDR, 2012, p. 19).

É sobretudo pela atividade do pensamento que o ser humano se diferencia dos demais seres vivos. Resgatar esta atividade é de suma importância, pois acarretará também um resgate da sua humanidade e singularidade. O pensar reforça a consciência moral dos seres humanos, e os ajuda a refletir sobre suas ações. É devido a isto que Arendt, ao contrário da tradição filosófica que entedia a atividade do pensar como um privilégio para poucos, vê como urgente o uso desta atividade por todos, pois

Se, como sugeri antes, a habilidade de distinguir o certo do errado estiver relacionada com a habilidade de pensar, então deveríamos “exigir” de toda pessoa o exercício do pensamento, não importando quão erudita ou ignorante, inteligente ou estúpida essa pessoa seja. (ARENDR, 2012, p. 28).

A filosofia de Hannah Arendt é marcada pela esperança, demonstra grande fé nos seres humanos, visto que com sua capacidade de pensar, cada nascimento representa a possibilidade de novos começos (ARENDR, 2010, p.308).

2.2 Trabalho, Obra e Ação, o tripé da *vita activa*.

No prólogo de “A Condição Humana”, Arendt deixa muito claro a sua proposta que “é muito simples: trata-se de apenas pensar o que estamos fazendo” (ARENDR, 2010, p.06), ou seja, em sua principal obra,

Arendt constrói uma reflexão sobre a vida ativa do ser humano, referindo-se a três atividades básicas para a sua existência na Terra. Estas três atividades básicas que condicionam a vida humana consistem no tripé, Trabalho, Obra e Ação. Para isto Hannah Arendt volta à experiência da *polis* grega em que estas atividades possuíam um sentido bastante específico e refletiam o modo de vida dos gregos que distinguiram claramente o privado e o público. O privado era a esfera do lar e, conforme Arendt, “O traço distintivo da esfera do lar era o fato de que nela os homens viviam juntos por serem a isso compelidos por suas necessidades e carências.” (ARENDR, 2010, p.36) enquanto que o público, ou seja, “O domínio da *polis*, ao contrário, era a esfera da liberdade, e se havia uma relação entre essas duas esferas era que a vitória sobre as necessidades da vida no lar constituía a condição óbvia para a liberdade da *polis*.” (ARENDR, 2010, p.36) Estas três atividades, trabalho, obra e ação estavam relacionadas com estas duas esferas, privado e público.

O domínio privado era o local da atividade do trabalho que era exercido pelos escravos na Grécia antiga. No contexto grego, de acordo com Arendt,

Trabalhar significava ser escravizado pela necessidade, e essa escravização era inerente às condições da vida humana. Pelo fato de serem dominados pela necessidade da vida, os homens só podiam conquistar a liberdade dominando outros que eles, à força, sujeitavam à necessidade. A degradação do escravo era um golpe do destino pior que a morte, pois implicava a metamorfose do homem em algo semelhante a um animal doméstico. (ARENDR, 2010, p. 103).

O escravo, sujeito à necessidade, tendo então que trabalhar para sobreviver não possuía status de humanidade, não possuía singularidade, era tido como um mero exemplar da espécie. Conforme Arendt,

A instituição da escravidão na Antiguidade, embora não em épocas posteriores, não foi um artifício para obter mão-de-obra barata nem um instrumento de exploração para fins de lucro, mas sim a tentativa de excluir o trabalho das condições da vida do homem. Tudo o que os homens tinham em comum com as outras formas de vida animal não era considerado humano. (...) O *animal laborans* é, realmente, apenas uma das espécies animais que povoam a Terra – na melhor das hipóteses, a mais desenvolvida. (ARENDR, 2010, p. 104)

Importante observar que o trabalho não ocupava uma posição de destaque na *polis*, pelo contrário, era relegado à vida privada, identificado com uma existência que não se diferencia muito em relação a dos animais, visto que está identificado com o ciclo biológico do processo vital. O produto do trabalho, que Arendt cita como exemplo, o pão, produto do suor de nossos corpos, não está destinado a durar, como veremos no caso do produto da obra, mas a ser consumido imediatamente.

Os produtos do trabalho, produtos do metabolismo do homem com a natureza, não permanecem no mundo tempo suficiente para se tornarem parte dele, e a própria atividade do trabalho, concentrada exclusivamente na vida e em sua manutenção, esquece-se do mundo até o extremo da não mundanidade. O *animal laborans*, compelido pelas necessidades do seu corpo, não usa esse corpo tão livremente como o *homo faber* utiliza as mãos, suas ferramentas primordiais; e por isso Platão sugeriu que os trabalhadores e escravos eram não apenas sujeitos à necessidade e incapazes de liberdade, mas inaptos também para dominar a parte “animal” de sua natureza. (ARENDR, 2010, p. 146)

No próximo item, aprofundarei as características do *animal laborans*, visto que o trabalho adquiriu destaque e centralidade na modernidade, e tornou-se a principal atividade numa surpreendente inversão segundo Arendt. Passo agora a abordar o conceito de obra, identificada com o *homo faber*, aquele que constrói o “mundo”.

Antes de abordar o termo obra é preciso compreender o sentido do termo “mundo” em Arendt. Ele está relacionado com o domínio público, melhor,

o termo “público” significa o próprio mundo, na medida em que é comum a todos nós e diferente do lugar que privadamente possuímos nele. Esse mundo, contudo, não é idêntico à Terra ou à natureza, enquanto espaço limitado para o movimento dos homens e condição geral da vida orgânica. Antes, tem a ver com o artefato humano, com o que é fabricado pelas mãos humanas, assim como com os negócios realizados entre os que habitam o mundo feito pelo homem. (ARENDR, 2010, p. 64)

Como se percebe, a fabricação do mundo é própria da atividade do *homo faber* e ao contrário do produto do trabalho, esta está destinada à durabilidade, a transcender à própria vida individual. A obra se

identifica então com a permanência, com a estabilidade, ela permite fazer da Terra um lar, superando o ciclo repetitivo do trabalho cujo produto está destinado à deterioração, ao consumo imediato.

Dentre a multiplicidade de produtos fabricados pelo *homo faber*, Hannah Arendt faz referência à obra de arte como a mais expressiva representante desta atividade,

Dada sua excepcional permanência, as obras de arte são as mais intensamente mundanas de todas as coisas tangíveis; sua durabilidade permanece quase inalcançada pelo efeito corrosivo dos processos naturais, uma vez que não estão sujeitas ao uso por criaturas vivas, um uso que, na verdade, longe de realizar sua finalidade inerente – como a finalidade de uma cadeira é realizada quando alguém se senta nela –, só pode destruí-la. Assim, a durabilidade das obras de arte é de uma ordem superior àquela de que todas as coisas precisam para existir; elas podem alcançar a permanência através das eras. (ARENDR, 2010, p. 209)

A obra, dado o seu caráter instrumental e objetivo, ascende em importância no início da modernidade, enquanto que a contemplação, altamente valorizada na filosofia antiga e medieval torna-se completamente sem sentido. Esta desvalorização da *vita contemplativa* promovida no início da modernidade está relacionada com o surgimento da ciência moderna e seus instrumentos, produtos do *homo faber*, pois

As primeiras atividades da *vita activa* a se promoverem à posição antes ocupada pela contemplação foram as atividades de fazer e fabricar [*making and fabricating*] – prerrogativas do *homo faber*. Isso era bastante natural, visto que foi um instrumento, e, portanto, o homem na medida em que é um fabricante de instrumentos, que levou à moderna revolução. Daí em diante, todo progresso científico tem estado mais intimamente ligado ao desenvolvimento cada vez mais sofisticado da manufatura de novas ferramentas e instrumentos. (ARENDR, 2010, p. 368)

Por fim, uma breve explanação da ação, que na experiência grega era a mais nobre atividade dedicada à *vita activa*. Somente o homem livre das necessidades, das “amarras” do trabalho poderia se dedicar inteiramente à ação. É na ação que se encontra o sentido de ser humano, é na ação que os homens revelam quem são e se revelam singulares, únicos e plurais. É a única atividade que só pode ocorrer entre os homens, pois conforme Arendt,

Ao contrário da fabricação, a ação jamais é possível no isolamento. Estar isolado é estar privado da capacidade de agir. A ação e o discurso necessitam tanto da presença circunvizinha de outros quanto a fabricação necessita da presença circunvizinha da natureza, da qual obtém seu material, e de um mundo onde coloca o produto acabado. (ARENDR, 2010, p. 235)

É na ação, que consiste numa inserção no mundo com palavras e atos, que está o sentido positivo e esperançoso da filosofia política de Hannah Arendt, visto que seu diagnóstico da era moderna é sombrio. Segundo a mesma, “das três atividades, a ação tem a relação mais estreita com a condição humana da natalidade; o novo começo inerente ao nascimento pode fazer-se sentir no mundo somente porque o recém-chegado possui a capacidade de iniciar algo novo, isto é, de agir.” (ARENDR, 2010, p. 10) E ainda,

é o nascimento de novos seres humanos e o novo começo, a ação de que são capazes em virtude de terem nascido. Só a plena experiência dessa capacidade pode conferir aos assuntos humanos fé e esperança, essas duas características essenciais da existência humana que os gregos antigos ignoraram por completo, por depreciarem a fé como uma virtude muito incomum e pouco importante, e computarem a esperança entre os males da ilusão contidos na caixa de Pandora. É essa fé e essa esperança no mundo que encontra sua expressão talvez mais gloriosas e mais sucintas nas breves palavras com as quais os Evangelhos anunciam sua “boa-nova”: “Nasceu uma criança entre nós.” (ARENDR, 2010, p. 308)

2.3 Sociedade de massa, *animal laborans* e o consumismo.

Estamos adentrando ao cerne da nossa questão. O *animal laborans*, que é aquela mentalidade típica do homem massificado e atomizado cuja única preocupação é com a manutenção da própria vida através do trabalho e do consumo, ascendeu ao posto mais alto e glorioso da *vita activa* na modernidade. A ação foi

relegada à privacidade, a obra, produto do *homo faber*, não mais possui durabilidade, vem se tornando de modo acelerado mercadoria, objeto de consumo.

A era moderna, que de acordo com Arendt começou no século XVII, “trouxe consigo uma glorificação teórica do trabalho, e resultou na transformação factual de toda a sociedade em uma sociedade trabalhadora.” (ARENDR, 2010, p. 05). Isto significa que a modernidade está posta sob a lógica da mentalidade do *animal laborans*. “Na modernidade, o modo de vida do consumidor venceu, e as implicações políticas de tal vitória dificilmente podem ser exageradas.”²

Hannah Arendt atribui esta mudança na Modernidade, que vira “de cabeça para baixo” a tradicional hierarquia das atividades humanas na *vita activa*, dando dignidade e centralidade ao trabalho, à filosofia de Locke, Adam Smith e Karl Marx e à Revolução Industrial. Pois,

A súbita e espetacular ascensão do trabalho, da mais baixa e desprezível posição à mais alta categoria, como a mais estimada de todas as atividades humanas, começou quando Locke descobriu que o trabalho é a fonte de toda propriedade. Prosseguiu quando Adam Smith afirmou que o trabalho era a fonte de toda riqueza e atingiu o clímax no “sistema do trabalho” de Marx, no qual o trabalho passou a ser a fonte de toda produtividade e a expressão da própria humanidade do homem. (ARENDR, 2010, p. 125)

e ainda, “A Revolução Industrial substitui todo artesanato pelo trabalho, e o resultado foi que as coisas do mundo moderno se tornaram produtos do trabalho, cujo destino natural é serem consumidos, ao invés de produtos da obra, que se destinam a ser usados.” (ARENDR, 2010, p. 154) Desde então, a lógica do *animal laborans* com tudo aquilo que ele implica ganha força na modernidade, pois com o emprego das máquinas o processo de produção e consumo passa a ter um aumento espetacular. E ainda, tendo em vista o surgimento da sociedade de massas neste contexto sócio-histórico, o perfil do homem massificado é a própria face do *animal laborans*, pois

O termo massa só se aplica quando lidamos com pessoas que, simplesmente devido ao seu número, ou à sua indiferença, ou a uma mistura de ambos, não se podem integrar numa organização baseada no interesse comum, seja partido político, organização profissional ou sindicato de trabalhadores. Potencialmente, as massas existem em qualquer país e constituem a maioria das pessoas neutras e politicamente indiferentes, que nunca se filiam a um partido e raramente exercem o poder do voto. (ARENDR, 2012, p. 439)

Hannah Arendt vê com preocupação a valorização da lógica da produção e do consumo na modernidade, visto que este processo que imita o ciclo da natureza é repetitivo, infinito e possui um fim em si mesmo e ainda, com o emprego das máquinas, este processo acelera o desgaste e a destruição do mundo. De acordo com Arendt, “O fato é que uma sociedade de consumo não pode absolutamente saber como cuidar de um mundo e das coisas que pertencem de modo exclusivo ao espaço das aparências mundanas, visto que sua atitude central ante todos os objetos, a atitude do consumo, condena à ruína tudo em que toca.” (ARENDR, 2013, p. 264) E ainda, visto que a produção na modernidade se intensifica e gera abundância, a ânsia do consumo também aumenta. Numa sociedade de trabalhadores férteis, o ciclo de produção e consumo precisa ser acelerado para transformar tudo em objeto de consumo, pois

Em nossa necessidade de substituir cada vez mais depressa as coisas mundanas que nos rodeiam, já não podemos nos permitir usá-las, respeitar e preservar sua inerente durabilidade; temos de consumir, devorar, por assim dizer, nossas casas, nossa mobília, nossos carros, como se estes fossem as “coisas boas” da natureza que se deteriorariam inaproveitadas se não fossem arrastadas rapidamente para o ciclo interminável do metabolismo do homem com a natureza. (ARENDR, 2010, p. 155)

Como se percebe, o *animal laborans*, que é a lógica da produção e do consumo num ritmo cada vez mais acelerado, gerando uma sociedade de massas, apática, movida pelo hedonismo e pela cultura do entretenimento, mina a durabilidade do mundo. O *homo faber* já não mais reina na modernidade, como se deu no início da mesma. Conforme Arendt,

² Apresentação à nova edição brasileira (2010) de “A Condição Humana” por Adriano Correia. Página XLI

o tempo excedente do *animal laborans* jamais é empregado em algo que não seja o consumo, e quanto maior é o tempo de que ele dispõe, mais ávidos e ardentes são os seus apetites. O fato de que esses apetites se tornam mais sofisticados, de modo que o consumo já não se restringe às necessidades da vida, mas, ao contrário, concentra-se principalmente nas superfluidades da vida, não altera o caráter dessa sociedade, mas comporta o grave perigo de que afinal nenhum objeto do mundo esteja a salvo do consumo e da aniquilação por meio do consumo. (ARENDR, 2010, p. 165)

Este ideal do *animal laborans* mostra-se bastante perigoso, visto que ele tomou conta de toda a sociedade. A cultura, a economia, as relações humanas, tudo é permeado pela lógica do consumo e do descarte. De acordo com Arendt,

Um dos óbvios sinais de perigo de que talvez estejamos a ponto de realizar o ideal do *animal laborans* é o grau em que toda a nossa economia já se tornou uma economia de desperdício, na qual todas as coisas devem ser devoradas e descartadas quase tão rapidamente quanto aparecem no mundo, a fim de que o processo não chegue a um fim repentino e catastrófico. (ARENDR, 2010, p. 166)

E ainda, em se tratando da cultura, Arendt aponta os riscos oferecidos pela cultura de massa, visto que esta “passa a existir quando a sociedade de massas se apodera dos objetos culturais, e o perigo é de que o processo vital da sociedade (que como todos os processos biológicos arrasta insaciavelmente tudo que é disponível para o ciclo de seu metabolismo) venha literalmente a consumir os objetos culturais, que os coma e destrua.” (ARENDR, 2013, p. 260)

Ao concluir “*A Condição Humana*”, Hannah Arendt não deixa de enfatizar o declínio do ser humano na modernidade com a hegemonia da mentalidade e do comportamento do *animal laborans*. Nas suas palavras,

É perfeitamente concebível que a era moderna – que teve início com um surto tão promissor e tão sem precedentes de atividade humana – venha a terminar na passividade mais mortal e estéril que a história jamais conheceu.

Mas há outro indício mais grave do perigo de que o homem possa estar disposto e realmente esteja a ponto de converter-se naquela espécie de animal do qual, desde Darwin, ele imagina descender. (ARENDR, 2010, p. 403)

2.4 A vitória do *animal laborans* na sociedade de consumo pós-moderna.

“A vitória do *animal laborans*” é o título da última seção de “*A Condição Humana*” e trata exatamente do triunfo da mentalidade do *animal laborans* na modernidade, conforme apresentado no item anterior. A proposta do presente item é estabelecer um diálogo entre Arendt e pensadores contemporâneos, como Jean Baudrillard, Fredric Jameson, Mike Featherstone, Gilles Lipovetsky e Zygmunt Bauman que tratam especificamente da sociedade de consumo como expressão maior da pós-modernidade, e mostrar assim a atualidade do pensamento de Hannah Arendt no que diz respeito à vitória do *animal laborans*.

Os tempos atuais têm recebido diversas denominações tais como; “sociedade pós-industrial”, “sociedade do espetáculo”, “sociedade da informação”, “sociedade do capitalismo tardio”, “sociedade pós-moderna”, “sociedade líquido-moderna” e “sociedade de consumo”, só para ilustrar. Não cabe aqui um aprofundamento dos fenômenos gerais de nossa época, até porque estamos diante de uma enorme complexidade de transformações na sociedade que tem início no pós-guerra e se define com maior clareza após a década de 1960. É Fredric Jameson que nos dá uma definição mais precisa destas mudanças;

Cabem aqui algumas palavras sobre o emprego apropriado deste conceito: ele não é apenas mais um termo para a descrição de determinado estilo. É também, pelo menos no emprego que faço dele, um conceito de periodização cuja principal função é correlacionar a emergência de novos traços formais na vida cultural com a emergência de um novo tipo de vida social e de uma nova ordem econômica – chamada frequente e eufemisticamente, de modernização, sociedade pós-industrial ou sociedade de consumo, sociedade dos mídia ou do espetáculo, ou capitalismo multinacional. Podemos datar esta nova fase do capitalismo a partir do crescimento econômico do pós-guerra nos Estados Unidos, ou então, na França, a partir da instituição da Quinta República, em 1958. A década de 60, sob muitos aspectos, é o período chave de transição, um período em que a nova ordem internacional (neocolonialismo, a Revolução Verde, a informatização e a mídia eletrônica) não só se funda como, simultaneamente, se conturba e é abalada por suas próprias contradições internas e pela oposição externa. (JAMESON, 1985, p. 17)

O que nos interessa é demonstrar alguns pontos de convergência em meio a este leque de mudanças, teorias e características dos tempos atuais que apontam para uma ênfase no consumismo, numa cultura e num estilo de vida ditados pela lógica do consumo, conforme as palavras de Baudrillard,

Vivemos o tempo dos objectos: quero dizer que existimos segundo o seu ritmo e em conformidade com a sua sucessão permanente. Actualmente, somos nós que os vemos nascer, produzir-se e morrer, ao passo que em todas as civilizações anteriores eram os objectos, instrumentos ou monumentos perenes, que sobreviviam às gerações humanas. (BAUDRILLARD, 1995, p. 15)

e ainda, *“Chegamos ao ponto em que o ‘consumo’ invade toda a vida”*. (BAUDRILLARD, 1995, p. 19)

Com a intensificação da produção capitalista de mercadorias na sociedade ocidental, vimos surgir um acúmulo de bens de consumo e em vista disto, conforme Featherstone, *“por volta da virada do século, necessitou da construção de novos mercados e da ‘educação’ de novos públicos consumidores por meio da publicidade e da mídia”*. (FEATHERSTONE, 1995, p. 32)

Passou a surgir então uma cultura de consumo que criou mecanismos de sedução para manter “a todo vapor” o ciclo da produção e do consumo. A ênfase na cultura, que é uma das características da pós-modernidade, a ponto de Jameson (1985) dizer que *“tudo na vida social se tornou cultural”*, impulsiona e amplia a noção de objeto de consumo. Já não se pode falar de um consumo limitado a objetos reais, mas sim, de mercadorias de consumo que transcendem à realidade objetiva criando a “mercadoria-signo”, que é um conceito do filósofo Jean Baudrillard. Falar de uma cultura de consumo implica em dizer que, segundo Featherstone,

Os bens de consumo cotidianos e mundanos passam a ser associados a luxo, exotismo, beleza e fantasia, sendo cada vez mais difícil decifrar seu “uso” original ou funcional. Baudrillard (1983a) chamou a atenção para o papel-chave dos meios eletrônicos de comunicação de massa na sociedade capitalista tardia. A televisão produz um excesso de imagens e informação que ameaça nosso sentido de realidade. O triunfo da cultura da representação resulta num mundo simulacional, no qual a proliferação dos signos e imagens, aboliu a distinção entre o real e o imaginário. Para Baudrillard (1983a: 148), isso significa que “por toda parte vivemos já numa ‘alucinação’ estética da realidade”. A “morte do social, a perda do real, conduz a uma ‘nostalgia’ pelo real: um fascínio e uma procura desesperada por pessoas reais, valores reais, sexo real” (Kroker, 1985:80). Para Baudrillard, a cultura de consumo é efetivamente uma cultura pós-moderna, uma cultura sem profundidade, na qual todos os valores foram transavaliados, e a arte triunfou sobre a realidade. (FEATHERSTONE, 1995, p. 122)

Esta modalidade de consumo, que consiste na “mercadoria-signo”, é muito mais promissora e avassaladora porque está associada à cultura e tem como instrumento de sedução e persuasão a mídia e as modernas técnicas de publicidade. Ora, a lógica do *animal laborans* de Hannah Arendt aparece aí como uma ameaça à cultura, produto do *homo faber*, visto que, de acordo com Featherstone, citando Baudrillard, alerta que

a sobrecarga de informações, signos e imagens na sociedade onde “a TV é o mundo”, argumenta que essa sobrecarga ameaça nossa capacidade de encadear signos em sequências narrativas. Em vez disso, obtemos prazer estético na experiência superficial das intensidades, no fluxo de imagens; não procuramos o significado duradouro e coerente. Logo, isso determinaria o fim do simbólico, na medida em que os signos estariam livres para efetuar quaisquer associações e elisões de significado que as justaposições bizarras e acidentais da cultura de consumo pudessem regurgitar. Com efeito, estaríamos caminhando para a desordem cultural. (FEATHERSTONE, 1995, p. 174)

Zygmunt Bauman em sua obra *“Vida para o Consumo”* também aponta alguns inquietantes fenômenos relacionados com a sociedade de consumo que podem ser associados ao caráter destrutivo da mentalidade do *animal laborans* de Arendt. Talvez mais grave do que a associação da mercadoria ao simbólico, que cria uma cultura de consumo que explora o universo dos sentidos, das emoções, e que transforma tudo em objeto de consumo, é a própria transformação das pessoas em mercadoria. De acordo com Bauman, *“A característica mais proeminente da sociedade de consumidores – ainda que cuidadosamente disfarçada e encoberta – é a transformação dos consumidores em mercadorias; ou antes, sua dissolução no mar de mercadorias...”* (BAUMAN, 2008, p. 20)

O pensamento de Bauman sobre o consumismo apresenta vários aspectos convergentes com a mentalidade do *animal laborans* de Arendt. Ele inicia o primeiro capítulo de *“Vida para o consumo”* mostrando a trivialidade e a necessidade do consumo. Trata-se de uma condição humana relacionada com a sobrevivência. Segundo Bauman, *“Se reduzido à forma arquetípica do ciclo metabólico de ingestão, digestão e excreção, o consumo é uma condição, e um aspecto, permanente e irremovível da sobrevivência biológica que nós humanos*

compartilhamos com todos os outros organismos vivos”. (BAUMAN, 2008, p. 37) Porém o que ocorre na sociedade de consumo, equivale, de acordo com a sua análise, a uma *“revolução consumista”*, ou seja, o consumo passa a ser central na sociedade. E este, tal como a mercadoria transformada em signo em Baudrillard, associa-se à criação de necessidades, promete satisfação e felicidade, gerando então uma cultura do descarte. Nas palavras de Bauman,

Difícilmente poderia ser de outro jeito, já que o consumismo, em aguda oposição às formas de vida precedentes, associa a felicidade não tanto à *satisfação* de necessidades (como suas “versões oficiais” tendem a deixar implícito), mas a um *volume e uma intensidade de desejos sempre crescentes*, o que por sua vez implica o uso imediato e a rápida substituição dos objetos destinados a satisfazê-la. Ele combina, como Don Slater identificou com precisão, a insaciabilidade dos desejos com a urgência e o imperativo de “sempre procurar mercadorias para se satisfazer”. Novas necessidades exigem novas mercadorias, que por sua vez exigem novas necessidades e desejos; o advento do consumismo augura uma era de “obsolescência embutida” dos bens oferecidos no mercado e assinala um aumento espetacular na indústria da remoção do lixo. (BAUMAN, 2008, p. 44)

A análise de Bauman a respeito da sociedade de consumidores leva-nos a nos perguntarmos se já não vivemos numa espécie de “totalitarismo”, um totalitarismo leve, ou um *neototalitarismo suave*” conforme Lipovetsky (1989), visto que tudo passa a ser permeado pela lógica do consumo, como se não houvesse outro caminho.

A “sociedade de consumidores”, em outras palavras, representa o tipo de sociedade que promove, encoraja ou reforça a escolha de um estilo de vida e uma estratégia existencial consumista, e rejeita todas as opções culturais como alternativas. Uma sociedade em que se adaptar aos preceitos da cultura de consumo e segui-los estritamente é, para todos os fins e propósitos práticos, a única escolha aprovada de maneira incondicional. (BAUMAN, 2008, p. 71)

Neste contexto, pode se falar que é hegemônica, vitoriosa, modelar e imperativa a mentalidade do *animal laborans*. Esta sociedade também é permeada pelo caráter desagregador, pacificador e individualista das massas tal como Arendt chegou a analisar em “Origens do Totalitarismo”. É uma sociedade que também se estrutura em cima do desamparo e da solidão do homem de massas. Nas palavras de Bauman,

A sociedade de consumidores tende a romper os grupos ou torná-los eminentemente frágeis e fissiparos, favorecendo a pronta e rápida formação e a difusão de enxames. O consumo é uma atividade um tanto solitária (talvez até o arquétipo da solidão), mesmo quando, por acaso, é realizado na companhia de alguém. Da atividade de consumo não emergem vínculos duradouros. (BAUMAN, 2008, p. 101)

A sociedade pós-moderna é também uma sociedade de mudanças rápidas que celebra a novidade, promove a obsolescência e cria uma cultura que incentiva o efêmero. Uma sociedade que vive o instante e exalta o hedonismo. Gilles Lipovetsky, em *“Império do Efêmero”* nos desvela esta face da sociedade pós-moderna, que é a sociedade de consumo. Em sua obra Lipovetsky realiza um estudo da história da moda no ocidente desde finais da Idade Média ao século XX, enfatizando o seu caráter de efemeridade e exaltação da novidade em oposição à tradição que valorizava a permanência e apontava modelos do passado como referência a serem seguidos. Lipovetsky, porém, vai muito além desta análise da história da moda, pois sua tese mostra que, na contemporaneidade, toda a sociedade ocidental está impregnada pela lógica da moda, que já não mais se limita aos vestuários. *“É a era da moda consumada, a extensão de seu processo a instâncias cada vez mais vastas da vida coletiva.”* (LIPOVETSKY, 1989, p. 155)

Segundo Lipovetsky,

Pode-se caracterizar empiricamente a “sociedade de consumo” por diferentes traços: elevação do nível de vida, abundância das mercadorias e dos serviços, culto dos objetos e dos lazeres, moral hedonista e materialista, etc. Mas, *estruturalmente*, é a generalização do processo de moda que a define propriamente. A sociedade centrada na expansão das necessidades é, antes de tudo, aquela que reordena a produção e o consumo de massa sob a lei da *obsolescência*, da *sedução* e da *diversificação*, aquela que faz passar o econômico para a órbita da forma moda. (LIPOVETSKY, 1989, p. 159)

É o império da lógica do *animal laborans*. Não mais a preocupação em erigir um mundo onde o homem transcenda à mera necessidade da subsistência e venha a se revelar como um ser singular que age. Na sociedade de consumo, sob a égide do processo de moda, o que impera é a lei da mudança.

A lógica econômica realmente varreu todo ideal de permanência, é a regra do efêmero que governa a produção e o consumo dos objetos. Doravante, a temporalidade curta da moda fagocitou o universo da mercadoria, metamorfoseado, desde a Segunda Guerra Mundial, por um processo de renovação e de obsolescência “programada” propício a revigorar sempre mais o consumo. Pensamos menos em todos esses produtos estudados para não durar – lenços de papel, fraldas, guardanapos, garrafas, isqueiros, aparelhos de barbear, roupas baratas – do que no processo geral que obriga as firmas a inovar, a lançar continuamente novos artigos, ora de concepção realmente inédita, ora – e é o mais frequente – comportando simples pequenos aperfeiçoamentos de detalhes que dão um “mais” aos produtos na competição de mercado. (LIPOVETSKY, 1989, p. 160)

O *animal laborans* na pós-modernidade produz em abundância, e produz em grande variedade objetos de consumo, que sob a lógica da “moda consumada” correm velozmente para o descarte, visto que a cada instante de sua duração torna-se obsoletos.

Na sociedade regida pela lógica da moda consumada, o ideal do *animal laborans* torna-se mais expressivo ainda, visto que tudo se torna objeto de consumo.

No império do valor de uso, não nos ligamos mais às coisas, muda-se facilmente de casa, de carro, de mobiliário; a era que sacraliza socialmente as mercadorias é aquela na qual nos separamos sem dor de nossos objetos. Já não gostamos das coisas por elas mesmas ou pelo estatuto social que conferem, mas pelos serviços que prestam, pelo prazer que tiramos delas, por uma funcionalidade perfeitamente permutável. Neste sentido, a moda desrealiza as coisas, *desubstancializa-as* através do culto homogêneo da utilidade e da novidade. O que possuímos, nós o mudaremos: quanto mais os objetos se tornam nossas próteses, mais somos indiferentes a eles; nossa relação com as coisas depende agora de um amor abstrato, paradoxalmente desencarnado. Como continuar a falar de alienação num tempo em que, longe de serem desapossados pelos objetos, são os indivíduos que se desapossam deles? Quanto mais o consumo se desenvolve, mais os objetos se tornam meios desencantados, instrumentos, nada mais que instrumentos: assim caminha a democratização do mundo material. (LIPOVETSKY, 1989, p. 175)

Lipovetsky, em sua brilhante análise da sociedade contemporânea organizada sob a lógica da moda consumada, mostra-nos a influência da mesma na produção cultural, nos discursos ideológicos e nos laços sociais.

A cultura de massa é produzida para não durar, pois seu objetivo é o entretenimento, a satisfação imediata das necessidades. De acordo com Lipovetsky,

Toda a cultura midiática de massas tornou-se uma formidável máquina comandada pela lei da renovação acelerada, do sucesso efêmero, da sedução, da diferença marginal. A uma indústria cultural que se organiza sob o princípio soberano da novidade corresponde um consumo excepcionalmente instável; mais que em toda parte reina aí a inconstância e a imprevisibilidade dos gostos: nos anos 1950, o tempo médio de exploração de um longa-metragem era de cerca de cinco anos, agora é de um ano; o ciclo de vida médio de um sucesso musical oscila hoje entre três e seis meses; raros são os best sellers cuja duração de vida ultrapassa um ano, e muitos sebos já nem mesmo recomparam as obras cuja data de publicação excede os seis meses. (LIPOVETSKY, 1989, p. 205)

Uma produção e consumo organizada sob tal acelerado ciclo mina a durabilidade do mundo, esta obra do *homo faber*, que nos permite criar tradições políticas, sociais e culturais. Sob tais princípios, não se pode falar em futuro, apenas em instante. Talvez seja por este motivo que a mídia, instrumento que impulsiona e acelera as mudanças, esteja hoje ocupando o lugar que antes era ocupado pelas religiões, escola, família, no que diz respeito à educação e à formação. Conforme Lipovetsky,

Em muitos domínios, a mídia conseguiu substituir a Igreja, a escola, a família, os partidos, os sindicatos, como instâncias de socialização e de transmissão de saber. É cada vez mais através da mídia que somos informados sobre o curso do mundo, é ela que nos passa os dados novos capazes de adaptar-nos ao nosso meio cambiante. A socialização dos seres por intermédio da tradição, da religião, da moral cede terreno cada vez mais à ação da informação midiática e das imagens. (LIPOVETSKY, 1989, p. 226)

E como consequência, “*Daí resulta um saber de massa essencialmente frágil, cada vez menos assimilado em profundidade.*” (LIPOVETSKY, 1989, p. 229)

A sociedade organizada sob o império da moda consumada é um fenômeno das sociedades democráticas do ocidente e é somente sob a ideologia moderna que ela pode se consumir. De acordo com Lipovetsky,

A moda consumada não tem sentido senão na era democrática em que reinam um consenso e um apego forte, geral, durável, relacionado aos valores fundadores da ideologia moderna: a igualdade, a liberdade, os direitos do homem. A obsolescência acelerada dos sistemas de representação se manifesta e só é possível sobre o fundo dessa legitimidade, dessa estabilidade global dos referentes maiores constitutivos das democracias. (LIPOVETSKY, 1989, p. 240)

E é devido a estes princípios que se pode falar em uma instabilidade no campo das ideologias. As metanarrativas, neste contexto em que imperam o efêmero e o hiperindividualismo, não possuem mais força de mobilização. “*A partir do momento em que a era teológica das ideologias está caduca, estamos destinados à instabilidade crônica dos valores, ao vai-e-vem das ações e reações, ao ‘eterno retorno’ da moda, que não cessa de reciclar na modernidade as formas e valores antigos.*” (LIPOVETSKY, 1989, p. 251)

Com um modo de análise que muito se aproxima da “sociedade líquido-moderna” de Bauman, Lipovetsky também demonstra a fragilidade dos laços humanos construídos e minados pela lógica da novidade e da mudança. A massa agora já não é mais homogênea, mas atomizada, onde reina o desejo do indivíduo, onde suas escolhas são soberanas, em que o presente é a referência maior. Neste cenário, as relações sociais são construídas pautadas num egocentrismo hiperindividualista. “*Ao invés das organizações comunitárias tradicionais, a sociedade contemporânea favorece formas segmentárias de encontros inter-humanos, formas flexíveis, adaptadas aos gostos da autonomia subjetiva remodelada pela moda.*” (LIPOVETSKY, 1989, p. 283), e ainda,

O que seduz é entrar em relação permanecendo livre e anônimo, fazer troca rapidamente e sem cerimonial com desconhecidos, multiplicar e renovar frequentemente os contatos, comunicar por intermédio de tecnologia. A comunicação contemporânea requer reles, sofisticação tecnológica; ela entrou no ciclo moda das redes “descoladas”. (LIPOVETSKY, 1989, p. 284)

Como se pode deduzir, a mentalidade do *animal laborans* impregnou toda a sociedade, sua vitória confirmou-se na “sociedade líquido-moderna” de Bauman, na “sociedade hiperindividualista” de Lipovetsky, na pós-modernidade.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Terry Eagleton, pensador crítico da pós-modernidade, no prefácio de seu livro “As ilusões do pós-modernismo”, referindo-se à contemporaneidade, diz que o mundo atual encontra-se numa “*desordem pavorosa*”. (EAGLETON, 1998, p.9) De fato a frenesi da mentalidade do *animal laborans* desestabiliza o mundo que compromete o futuro. Com sua tendência a devorar tudo, o *animal laborans* não quer saciar, ele quer aumentar o apetite, a velocidade e a ferocidade do consumo. O panorama atual, conforme a análise dos pensadores abordados neste artigo, é sombrio e ainda sem uma “luz no fim do túnel”. Poderia concluir de modo pessimista este artigo, se o mesmo não tomasse como referência o pensamento de Hannah Arendt, mulher judia que viu de perto os horrores do totalitarismo nazista.

“A condição humana”, como já fiz referência neste artigo, é uma obra que gera esperança e confiança nas futuras gerações. Arendt apostava que “*A cada nascimento, um novo começo surge para o mundo, um novo mundo em potencial passa a existir.*” (ARENDRT, 2012, p.619). Com a renovação da humanidade, a capacidade de ação, que é inerente à condição humana, pode mudar os rumos da situação presente. Sua visão de mundo não é fatalista, é uma voz necessária aos tempos atuais.

[...] minha opinião é de que o mal nunca é “radical”, é apenas extremo e não possui profundidade nem qualquer dimensão demoníaca. Ele pode cobrir e deteriorar o mundo inteiro precisamente porque se

espalha como um fungo na superfície. [...] Essa é a sua “banalidade”. Apenas o bem tem profundidade e pode ser radical. (Hannah Arendt, em carta ao teólogo Gershom Scholem)³

REFERENCIAS

ARENDR, Hannah. **A Condição Humana**. 11 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

_____. **A Vida do Espírito**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

_____. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

_____. **Origens do Totalitarismo**. São Paulo: Companhia da Letras, 2012.

BAUDRILLARD, Jean. **A Sociedade de Consumo**. Rio de Janeiro: Elfos, 1995.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

CARNEIRO, Renato Augusto. **O amor na política: um diálogo entre Hannah Arendt e Santo Agostinho**. Artigo (História: Questões & Debates, Curitiba, n. 46, p. 31- 50, 2007. Editora UFPR). Disponível em <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/historia/article/viewFile/11324/7889>> Acesso em: 15 setembro 2016.

EAGLETON, Terry. **As ilusões do pós-modernismo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 1998.

FEATHERSTONE, Mike. **Cultura de Consumo e Pós-Modernismo**. São Paulo: Studio Nobel, 1995.

FRY, Karina A. **Compreender Hannah Arendt**. Petrópolis: Vozes, 2010.

HUXLEY, Aldous. **Admirável Mundo Novo**. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

JAMESON, Fredric. **Pós-Modernismo e Sociedade de Consumo**. In: Novos Estudos Cebrap, (nº 12) 1985.

LIPOVETSKY, Gilles. **O Império do efêmero**. São Paulo: Companhia da Letras, 1989.

OLIVEIRA, Luciano. **10 lições sobre Hannah Arendt**. Petrópolis: Vozes, 2012.

PASSOS, Fábio Abreu dos. **Uma análise da Sociedade de Massa a partir da perspectiva de Hannah Arendt**. Artigo. Disponível em <http://www.iptan.edu.br/publicacoes/saberes_interdisciplinares/pdf/revista05/Hannah%20Arendt.pdf> Acesso em 15 setembro 2016.

SEIXAS, Rogério Luis da Rocha. **Ação Plural, Singularidade e Poder em Hannah Arendt**. Artigo (periódicos da PUCRS – ISSN 1983-4012. Porto Alegre. V.2 – N.1, 2009, pp 201-2016). Disponível em <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/intuitio/article/viewArticle/5226>> Acesso em 16 setembro 2016.

³ Trecho inserido na obra de Luciano Oliveira, “10 lições sobre Hannah Arendt”, p. 93.